

Laboratório de Ensino

“LUTO E MELANCOLIA” (1917[1915])

Flavia Lana Garcia de Oliveira (Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Bolsista pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado PNPd/CAPES)

Ariel Moura Alves (Graduanda em Psicologia pela UFF-Niteroi. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Na sequência da obra freudiana, o texto “Luto e melancolia” sucede artigos em que Freud demonstra forte empenho na elucidação metapsicológica de conceitos como narcisismo, inconsciente, recalque, bem como o de pulsão e seus destinos no aparelho psíquico. Nesse cenário, esse texto, escrito em 1915 e publicado pela primeira vez em 1917, representa um passo a mais no estudo dos efeitos psicopatológicos de impasses no mecanismo de desligamento da libido do objeto perdido no mundo externo e da frustração da satisfação pulsional que sua presença permitia. Freud aborda a inviabilização da realização do trabalho de luto da perda da ligação com este objeto e os mecanismos narcísicos de aprisionamento da libido em uma relação voraz com o mesmo, impedindo a mobilidade libidinal para novos investimentos objetivos mais aptos à realidade.

A abordagem clínica da melancolia parece a Freud um caminho privilegiado para a estruturação deste ponto. O que não significa que seja uma via simples de percorrer. Logo no início do texto, ele observa que: “A melancolia, cuja definição varia inclusive na psiquiatria descritiva, assume várias formas clínicas, cujo agrupamento numa única unidade não parece ter sido estabelecido com certeza, sendo que algumas dessas formas sugerem afecções antes somáticas do que patogênicas” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 249). A difícil classificação da melancolia em comparação às demais psicoses levou Freud (1924/1996) a erigir a categoria “neurose narcísica” para designá-la. Ainda que inserida na vizinhança das psicoses, a resposta melancólica é formalizada como fruto do conflito entre o ego e o superego, diversamente das neuroses transferenciais, que são o resultado da tensão entre o ego e o id, assim como das psicoses tradicionais, resultantes de perturbações das relações entre o ego e os ideais no mundo externo. Como tatear o estatuto específico desta psicopatologia à luz das formulações presentes nesse texto? Freud adota aqui uma tentativa de comparação do desencadeamento melancólico ao processo normal de luto. Já no *Rascunho G* (FREUD, 1895/1996) esse marcador comparece em sua leitura. Freud descreve um longo período prévio de vivência do que denominou como *anestesia*; A existência de um tipo de *mulheres, psiquicamente muito exigentes*, marcadas pela friidez, e cujo desejo intenso facilmente se transforma em melancolia; A combinação do quadro melancólico com a *angústia intensa*; E, finalmente, seu afeto correspondente como sendo o luto, isto é, o *desejo de recuperar algo perdido* correlato a uma *perda na vida pulsional*.

Freud (1917[1915]/2016) parte do enigma: por que, diante de uma perda, que pode se dar no nível “de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, a liberdade, um ideal etc” (p. 100), algumas pessoas produzem a melancolia e outras o processo de elaboração do luto? Isso implica dizer que, além do afastamento da atitude normal com a vida – desânimo, diminuição do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar e inibição para atividades – se instala, nesses casos, uma queda acentuada da autoestima, culminando em uma expectativa delirante de punição (FREUD, 1917[1915]/1996). A devoção ao objeto observada na reclusão do luto não impede que a posição libidinal desfrutada quando o

objeto era acessível seja renunciada. No luto, a desconexão do que o teste de realidade anuncia como não sendo mais possível obter não bloqueia um lento e gradual processo de substituição do investimento objetal. De lembrança em lembrança, de fragmento em fragmento da fantasia, o desligamento do objeto se opera. O respeito à realidade vence a tendência alucinatória e primária de prolongamento de ligação libidinal com o objeto perdido. Nas palavras de Freud (1917[1915]/1996, p. 251), “(...) o fato é que, quando o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido”.

Na melancolia, por sua vez, a perda de satisfação com o objeto deflagra um verdadeiro processo de hemorragia psíquica. De acordo com Freud (1917[1915]/1996, p. 251), “(...) existe uma perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor”. Algo foi perdido na própria natureza da relação com o objeto. Algo de difícil representação psíquica, que não parece se encaminhar pela via neurótica de estruturação uma fantasia inconsciente que, mediante uma transferência regressiva, mantém o objeto perdido vivo em uma ficção que preserva a satisfação infantil que se resiste em ceder.

Para alcançar mais pistas sobre essa modalidade de adoecimento psíquico, Freud se dedica ao fenômeno do empobrecimento do eu que sobrevém à decepção melancólica com o objeto. Freud (1917[1915]/1996, p. 251-252) observa que

“O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido”. Neste quadro parece haver uma “superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida” .

O melancólico se vê como indigno do outro, imperfeito e incapaz. Seu amor-próprio encontra-se deteriorado. Freud observa que embora o melancólico mantenha nessa autocrítica um pouco de verdade sobre si, não há correspondência fiel sobre o que ele fala de si mesmo e a realidade. Se aproxima da chave explicativa para essa exacerbada autocrítica ao destacar que o melancólico não se comporta como uma pessoa esmagada pelo remorso ou pela autorrecriação. Não é a vergonha que o habita, pelo contrário, obtém um satisfação pulsional exibicionista no desmascaramento de si mesmo e em uma insistente comunicabilidade.

Essa lógica só se decifra a partir de duas proposições: Primeiramente, a ação de um agente crítico que julga ruidosamente o próprio ego, levando a uma autoavaliação severa e punitiva. E, em articulação com esta primeira constatação, a história da relação com o objeto perdido parece parasitar o próprio ego subjugado, na medida em que, por identificação, o ego passou a se confundir com o objeto abandonado. Assim, “a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 254-255). Eis, portanto, o cenário conflitivo verificável em uma neurose narcísica: uma atividade crítica atua ferozmente em tensão a um ego alterado por uma maciça identificação com o objeto. Sob o desfalecimento melancólico subjaz um forte ressentimento, uma severa revolta marcada pela interpretação de que o objeto protagonizou um ato de injustiça.

Freud afirma que a “catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 254). Portanto, paradoxalmente, ocorre uma ruptura radical com qualquer credibilidade que o objeto perdido poderia transmitir no nível do ideal do eu e, ao mesmo tempo, uma não capacidade de separar-se dele. Nesse curto-circuito mental, o desapontamento se torna hemorrágico, o ego é asfixiado

pela obstinação em manter o objeto inteiramente presente e fundido, sem espaço para nenhuma hiância ou simbolização de incompletude.

O que esse texto nos ensina sobre o agente crítico que atua sadicamente sobre um ego tão objetalizado, desprovido de um capital libidinal que faça valer o senso de autopreservação e estima de si? Sabemos que este aspecto é mais contundentemente desdobrado em “O ego e o id”, quando Freud (1923/1996), ao explorar o tema das relações dependentes do ego, aponta a importância do superego como uma das primeiras identificações aos objetos abandonados pelo id. A apresentação mais arcaica do superego, pré-edipiana, se desvela como “cultura pura de pulsão de morte”. Tal elemento evidencia que, sem uma nova versão da autocrítica mais humanizada pelos complexos de Édipo e de castração, os quais favorecem o tratamento dos imperativos pulsionais pela consideração à sucessão geracional e à diferença sexual, as exigências da pulsão podem consumir o indivíduo, tornando-o à mercê de compulsões e autodestruições que o levam ao pior. O superego se torna mais alinhado ao narcisismo do que à sua renúncia necessária ao ingresso na cultura. Em “Luto e melancolia”, esses desarranjos pulsionais são lapidados no decorrer do texto sob três ângulos:

1) Na melancolia, observa-se a prevalência da escolha objetual de tipo narcísica, ou de uma identificação narcísica com o objeto perdido. Freud (1917[1915]/1996, p. 255) assina que “(...) uma forte fixação no objeto amado deve ter estado presente”. O investimento objetual retrocede ao narcisismo ao se defrontar com obstáculos. “A identificação narcísica com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 255). Mais adiante, Freud continua mostrando que: “O ego deseja incorporar a si esse objeto e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 255). A regressão ao narcisismo objetual é pautada em uma ânsia voraz de sugar o objeto. Deriva do não suportar as frustrações que o reconhecimento mais realista das condições humanas do objeto implica. Essa operação mental envolveria a representação psíquica de que o objeto não é um mero complemento para a satisfação pulsional, mas um ser atravessado pelos próprios parâmetros da civilização. Tal fato só é possível com a representação de uma falta que organize o lugar do objeto e o próprio lugar do indivíduo no mundo a partir das consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos e da assimetria geracional. Ao retroceder ao narcisismo e abrigar-se na identificação primária à imagem de “sua majestade o bebê” (FREUD, 1914/1996), o melancólico visa uma compensação eterna à perda de uma suposta plenitude com o objeto, que lhe assegurava uma ilusória onipotência narcísica. O melancólico desmorona ao ver que o outro não é suficiente. Através dessa identificação arcaica, o melancólico não se desprende do objeto perdido, regride a um narcisismo e acaba o devorando e sendo devorado por ele. Como Freud (1917[1915]/2016, p. 108) sublinha, “ele gostaria de incorporar e devorá-lo, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento da libido”.

2) Para Freud, na melancolia, o luto é patológico, uma vez que, assim como se observa na disposição à neurose obsessiva, a ambivalência na relação com o objeto é intensa. A relação com o objeto é marcada, portanto, por amor e ódio excessivos, pois ambos não são regulados pela experiência da perda de uma complementaridade absoluta:

“Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcísica, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e torando satisfação sádica de seu sofrimento” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 255).

Um sujeito como o melancólico que não consegue redimensionar o laço com o objeto pela via de uma simbolização, onde há capacidade de deixá-lo ir, mas ao mesmo tempo mantê-lo integrando e enriquecendo o seu eu, como uma “reliquia simbólica” ou um traço de caráter. A forte hostilidade contra o objeto profundamente idealizado como todo poderoso adquire proporções parricidas. Freud adverte como tal desordem pode levar ao ato suicida. A tendência ao suicídio está relacionada com o sadismo, uma vez que, se o ego tratar a si mesmo como o objeto odiado, ele pode voltar toda a hostilidade para si, ocasionando sua própria morte. É interessante como Freud entende que para o ego - que em um primeiro tempo possui tanto amor consigo mesmo - consentir com sua própria destruição, é necessário que haja um retorno desse investimento em si mesmo. Entende-se que “nas duas situações opostas, do apaixonamento mais extremo e do suicídio, o Eu, mesmo que por caminhos totalmente diferentes, é subjugado pelo objeto” (FREUD, 1917/2010, p. 111). Nesta parte do texto, mais um fator estrutural inerente às neuroses narcísicas é descrito pelo autor:

“Tão imenso é o amor de si mesmo do ego (*self-love*), que chegamos a reconhecer como sendo o estado primevo do qual provém a vida instintual, e tão vasta é a quantidade de libido narcisista que vemos liberada no medo surgido de uma ameaça à vida, que não podemos conceber como esse ego consente em sua própria destruição” (FREUD, 1917[1915]/1996, p. 257).

Na melancolia, o retorno da libido ao eu não serve a uma sobrevalorização do indivíduo que seja motor do desejo do viver e da crença de si como amável. O cuidado de si fica comprometido. A perda do objeto parece incidir como um ferida incicatrizável. Sem anticatexias que impeçam essa aspiração pela morbidez mental, o ego se encontra paralisado em sua mediação frente às pulsões, as quais transbordam em sua face mais voraz. Enquanto um neurótico obsessivo pode construir medidas protetivas que sirvam sintomaticamente de contrainvestimento para a exigência pulsional parricida, o melancólico parece desprovido de recursos psíquicos que o distanciem dessa relação infernal com o objeto.

3) A única saída para o entorpecimento melancólico em alguns casos, para Freud, se dá através da fuga maníaca. Através da mania, há um triunfo frente à perda do objeto. A onipotência narcísica é experimentada de forma aguda. Segundo Freud, “(...) o conteúdo da mania em nada difere do da melancolia, que ambas as desordens lutam contra o mesmo ‘complexo’, mas que provavelmente, na melancolia, o ego sucumbe ao complexo, ao passo que, na mania domina-o ou o põe de lado” ((FREUD, 1917[1915]/1996, p. 259). Do ponto de vista econômico, a mania envolve a liberação do acúmulo de investimento retido no ego. Com a abolição de toda a autocrítica, há uma ausência surpreendente das inibições no âmbito das ações que realizam as exigências pulsionais. No entanto, parece que o indivíduo não deixa de ser um homem faminto agido por um excesso pulsional que não conhece interdições. Parece continuar servindo a um funcionamento muito arcaico do psiquismo e a um modo de relação com o objeto bastante desprendido das coordenadas civilizatórias.

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, S. (1895). Rascunho G: Melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. I.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV.

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV.

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

FREUD, S. (1924). A perda da realidade na neurose e psicose. In: FREUD, S. (Autor). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.